

A IMPORTÂNCIA DE UMA ANTROPOLOGIA DA ARTE

ANA ZULMIRA DURÃO MACHADO
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

A Antropologia é uma ciência que procura abordar do ponto de vista teórico a explicação do comportamento humano, enquanto ser social e criador de cultura. Nesta perspectiva, a arte enquanto produto de uma criação exclusivamente humana torna-se assim, num aspecto cultural importante e digno de ser estudado pela Antropologia.

Falo pois, de uma Antropologia da Arte que se ocupa com o estudo da cultura de cada povo através das criações artísticas, já que estas são um meio pelo qual os valores sociais e individuais são expressos. Apesar da importância cada vez maior desta vertente científica, existe ainda uma certa negligência em relação a esta área, já que pouca é a literatura antropológica sobre as artes, sendo o seu estudo relativamente raro quando comparado com outros domínios da actividade humana.

Uma das razões para o abandono da arte pelos antropólogos pode ser uma forma de subterfúgio, pois a arte ameaça criar problemas difíceis de lidar dentro do conceito científico, depois a existência de problemas metodológicos- o que é um objecto de arte/ como abordar o objecto artístico? - e por fim questões estéticas, que por vezes constituem preconceitos complicados de superar para o Antropólogo.

Maioritariamente, os trabalhos realizados e publicados neste âmbito, têm-se empenhado em descrever a "arte primitiva", "tribal", "exótica", "não ocidental", ou mesmo *etnológica*, como lhe têm chamado. Porém, hoje começa a existir uma maior abertura em relação ao estudo da arte, do ponto de vista antropológico, não só em

sociedades longínquas, como também na nossa. Claro que esta perspectiva, se por um lado pode facilitar a compreensão do antropólogo porque domina o ideal estético da sua sociedade, por outro lado é complicado, face à proximidade do objecto e às questões metodológicas que tal investigação acarreta.

A Antropologia da Arte é a primeira ciência a admitir a arte como um fenómeno universal, contrariando os princípios, os métodos e as formas de apreender a arte noutras disciplinas, como é o caso da História de Arte. Não querendo negar a pertinência nem a utilidade da História de Arte, temos que perceber que esta tem explorado um território com muitas lacunas, sendo a Antropologia ou mesmo a Sociologia um complemento importante e necessário. Assim, através da História de Arte percebemos que não tem havido um acompanhamento do estudo da arte na sua globalidade, negando a diversidade de épocas e lugares, as relações com o tempo e o espaço, as diversas definições da arte, assim como as funções inerentes ao fenómeno que não são iguais em todas as sociedades. A arte dos Sepik (Melanésia), a escultura africana ou a da Oceania, correspondem a funções muito diferentes daquela que obedece a arte do Ocidente na sua definição clássica. Por outro lado, não dá uma noção abrangente do homem, revelando-se incapaz de integrar no seu âmbito as artes pré-históricas ou primitivas.

A História da Arte Ocidental, em especial desde o Renascimento, época em que começam a surgir Os primeiros artistas de renome (Miguel Ângelo, Rafael, Leonardo D' Vinci) até aos nossos dias, ensina-se com detalhe. Logo a

única estética válida é a ocidental, a única história de arte digna de ser considerada como tal é a história de arte ocidental, tudo o mais no tempo e no espaço acaba por ser ignorado. Este esquema mental, acaba por ser repetido muitas vezes, não deixando lugar para o estudo de outro tipo de artes, que reflectem outras mentalidades e outros modos de estar e sentir.

Para muitos a percepção de obras plásticas provenientes de civilizações não ocidentais deu lugar a definições negativas e mesmo etnocêntricas. A Antropologia da Arte propõe-nos uma revisão sobre este olhar fechado e centralizado, procurando questionar problemas relativos ao mundo das experiências artísticas do homem. Um dos objectivos principais da Antropologia da arte é situar a arte no seu contexto universal, defendendo que esse contexto é muito maior em extensão do que a arte ocidental.

O desenvolvimento dos estudos etnográficos na Segunda metade do século XIX, altura em que a Antropologia se começou a constituir como ciência, nasce e desenvolve-se o conceito de povos primitivos e de arte primitiva. O conceito de arte primitiva nasce com o de povo primitivo, numa perspectiva marcadamente evolucionista e hierárquica em que a arte dos primitivos representaria um estágio anterior no tempo e no grau evolutivo. O conceito de arte primitiva vem, assim, reforçar o sentido etnocêntrico da arte ocidental, ao assinalar o outro exótico como um ser inferior. Por outro lado, há a tendência de considerar a arte primitiva englobando a arte dos nossos ancestrais do paleolítico, fazendo constantes comparações, já que se acreditava que as sociedades primitivas vivas seriam um vestígio desses primeiros homens, sendo estudados

como uma unidade. Estes primeiros intentos da Antropologia, ainda sob a influência de uma corrente evolucionista, não foram muito positivos, não favorecendo o estudo cultural dos povos e das suas particularidades. O preconceito etnocêntrico acabou por minar as suas boas intenções.

Mesmo antes desta época, a partir do século XV, navegadores e comerciantes começaram a importar para a Europa, objectos provenientes de regiões do mundo ainda desconhecidos. Estes objectos passaram a integrar colecções dos soberanos europeus. Mais tarde, rigorosamente classificados e conservados, a maior parte desses objectos passaram a fazer parte das colecções dos museus, das instituições universitárias ou coloniais, em todas as partes do mundo, despertando sempre uma enorme curiosidade, apesar de nunca lhes ser reconhecida importância enquanto objectos de arte.

Durante muito tempo, igualou-se a arte primitiva a um tipo de arte próxima da arte infantil ou dos loucos, não tendo características próprias. A Antropologia demorou a entender esses objectos de arte e quando começou a revelar algum interesse por eles, considerou-os meros produtos culturais, isto é, estudou-os em termos de tecnologias, instrumentos, que sintetizassem as formas mentais e representações culturais existentes num dado grupo social, insistindo-se em estudá-los como manifestação social ou religiosa na maior parte dos casos.

Por incrível que possa parecer quem "olhou" pela primeira vez para esses objectos de arte, com a verdadeira atenção que eles merecem não foram antropólogos, mas antes um grupo de artistas empenhados na mudança de certos cânones artísticos. Foram Vlaminick, Matisse,

Derrain, Picasso, entre outros - cubistas e fauvistas- que valorizaram a escultura africana. Através dela, procuraram romper com uma certa tradição instaurada desde o Renascimento, buscando novas formas, novas cores e materiais e uma liberdade de expressão plástica nunca até aí alcançada. Durante a década de 10 e 20 a arte negra tem uma adaptação no ocidente muito grande, pelo que de repente a modernidade assenta no primitivismo. No entanto, este florescimento, este entusiasmo traduz-se apenas no seu aspecto formal, pouco se entende do que ela significa, já que esta só pode ser compreendida dentro do seu contexto. Isto dá azo a que se deturpe o seu significado, a sua linguagem, a sua autenticidade. Em meados do século XX, altura em que a Antropologia procura aprofundar o seu método através do trabalho de campo directo com os povos que pretende analisar, que o estudo da arte começa de facto a tornar-se importante, sendo mais um dos aspectos culturais a ter em conta no todo dessa mesma sociedade em que estão inseridos. Nomes como Franz Boas (1858-1942) ou Marcel Mauss (1872-1950), são importantes para a constituição desta Antropologia da Arte.

Para Boas, não existe uma ideia de evolução unilinear, pelo que afirma que a arte se assume como um produto da actividade humana cujas fontes são as formas e as ideias associadas às formas. Como dizia Marcel Mauss, etnólogo francês, " um objecto de arte é definido como tal por um determinado grupo". Podemos verificar através desta citação que a estética, a importância do belo, não se encontra onde a esperamos, é quase sempre subjectiva e exclusiva a cada contexto sócio-cultural, pelo que em muitos casos concretos a arte , muitas

vezes, não consegue ser compreendida fora do grupo que a produziu.

Ao contrário do historiador de arte, o antropólogo não pode fazer um permanente trabalho de definição, de delimitação, de classificação das actividades artísticas. Assim, toda a definição antropológica de arte, deve ser suficientemente ampla, permitindo uma comparação trans-cultural, tendo em conta as especificidades e as concepções particulares de arte em determinados microcosmos. A arte só se entende como forma de conduta humana, tendo em conta essas concepções, tal como são entendidas pelo grupo que as sustenta, pelo que é impossível entender a arte através de definições enciclopédicas, demasiado académicas, com limites estanques, na medida em que esta é múltipla e tem vários enfoques possíveis de estudar.

Nesta medida, as representações simbólicas da obra de arte requerem para serem compreendidas, de um conhecimento da ideologia dessa sociedade e dos critérios estéticos da mesma.